

Best-seller do New York Times

EMILY HENRY

Autora de Leitura de verão



LOUCOS POR LIVROS

“Eu gostaria de ter escrito este livro.”

— COLLEEN HOOVER



VERUS
EDITORA

EMILY HENRY

**LOUCOS
POR LIVROS**

Tradução
Ana Rodrigues

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2023



VERUS
EDITORA

PRÓLOGO

QUANDO LIVROS SÃO a sua vida — no meu caso, o meu trabalho —, você fica muito boa em desconfiar do lugar para onde a história está indo. Os clichês, os arquétipos, as reviravoltas mais comuns, tudo começa a se organizar por conta própria em um catálogo dentro do seu cérebro, dividido por categoria e gênero.

O marido é o assassino.

A nerd passa por uma transformação no visual e, sem os óculos, se transforma em uma mulher sedutora.

O cara conquista a garota — ou a outra garota faz isso.

Alguém explica um conceito científico complicado, e outra pessoa diz: “Hum... fala na minha língua, *por favor?*”

Os detalhes podem mudar de livro para livro, mas não há nada realmente novo sob o sol.

Pegue, por exemplo, a história de amor passada na cidade pequena.

Do tipo em que um cara cínico e bem-sucedido de Nova York ou de Los Angeles acaba se vendo em uma cidadezinha dos Estados Unidos — para, sei lá, terminar com um negócio familiar de cultivo de pinheiros de Natal e instalar ali uma empresa insensível e sem coração.

Mas, enquanto essa dita Pessoa Urbana está na cidade, as coisas não seguem como planejado. Porque, *é claro*, a fazenda de árvores de Natal — ou confeitaria, ou seja lá o que o herói da história tenha sido mandado para destruir — pertence e é administrada por alguém absurdamente atraente e convenientemente disponível para uma dança de acasalamento.

Na cidade grande, o personagem principal está envolvido romanticamente com alguém. Essa pessoa o encoraja a fazer o que lhe foi determinado e a arruinar algumas vidas em troca daquela grande promoção. Eles se falam por telefone, e ela o interrompe durante a ligação, bradando conselhos insensíveis do assento da bicicleta ergométrica Peloton.

É possível saber que ela é má porque seu cabelo é de um tom artificial de loiro, penteado para trás no estilo Sharon Stone em *Instinto selvagem*, e também porque a mulher odeia decoração de Natal.

Conforme o herói passa mais tempo com essa *pessoa* encantadora da cidade pequena — seja ela confeitadeira/costureira/administradora de fazenda de árvores de Natal —, as coisas mudam para ele. O protagonista descobre o verdadeiro significado da vida!

Ele volta para a cidade grande, *transformado* pelo amor de uma boa mulher. Lá, o protagonista chama a namorada rainha da neve para dar uma caminhada com ele. Ela o encara boquiaberta e diz alguma coisa como: *Usando estes Manolos?*

Vai ser divertido, diz ele. Durante a caminhada, o herói pede à namorada insensível que olhe para as estrelas no céu.

Ela retruca, irritada: *Você sabe que eu não posso olhar para cima agora! Acabei de receber uma aplicação de botox!*

Então, ele se dá conta: não vai conseguir voltar para a antiga vida. Não quer voltar! O protagonista termina o relacionamento frio e insatisfatório com a namorada e pede seu novo amor em casamento. (Quem precisa de um tempo de namoro?)

A essa altura, você se descobre gritando para o livro: *Você nem sequer conhece essa mulher! Qual é o segundo nome dela, cretino?* Do outro lado da sala, sua irmã, Libby, manda você calar a boca e joga pipoca na sua cabeça sem nem levantar os olhos do livro que também está lendo — o de capa amassada, que pegou na biblioteca.

E é por isso que estou atrasada para esse almoço de trabalho.

Porque essa é a minha vida. O clichê que governa os meus dias. O arquétipo sobre o qual meus detalhes são sobrepostos.

Eu sou a pessoa da cidade. Não a que encontra a fazendeira sedutora. Sou *a outra*.

A agente literária irritadiça e vaidosa, que lê originais sentada em sua bicicleta Peloton, sem nem prestar atenção na cena do protetor de tela do aparelho — a imagem tranquila de uma praia.

Eu sou a que toma o pé na bunda.

Já li e vivi essa história vezes suficientes para saber que ela está acontecendo neste momento, enquanto estou abrindo caminho através da aglomeração de pedestres no fim de tarde em Midtown, com o celular colado no ouvido.

Grant ainda não falou nada, mas os cabelinhos na minha nuca estão arrepiados, e meu estômago dá cambalhotas enquanto ele dirige a conversa a uma queda de penhasco digna de um desenho animado.

Ele supostamente deveria ter passado apenas duas semanas no Texas, tempo bastante para ajudar a fechar um negócio entre a empresa dele e a pousada charmosa que estava tentando adquirir, nos arredores de San Antonio. Como eu já havia passado por dois rompimentos pós-viagens a trabalho de namorados, reagi à notícia daquela viagem de Grant como se ele tivesse se juntado à marinha e fosse embarcar pela manhã.

Libby tentou me convencer de que eu estava exagerando, mas não fiquei surpresa quando Grant desmarcou três vezes seguidas nosso telefonema à noite, ou quando se apressou a terminar outros dois. Eu sabia como aquela história acabava.

Então, três dias atrás, horas antes do voo de volta dele, aconteceu.

Um motivo de força maior interveio para mantê-lo em San Antonio mais tempo do que o planejado. O apêndice dele estourou.

Teoricamente, eu poderia ter reservado um voo naquele momento para encontrá-lo no hospital. Mas eu estava no meio de uma negociação enorme e precisava ficar colada ao meu celular, com acesso estável a uma rede wi-fi. Minha cliente estava contando comigo. Aquela era uma oportunidade que poderia mudar a vida dela. Além disso, o próprio Grant argumentou que uma apendicectomia era um procedimento de rotina. Suas exatas palavras foram “não é nada de mais”.

Assim, fiquei em Nova York e, no fundo, sabia que estava liberando Grant para que os deuses dos livros-românticos-passados-em-cidades-pequenas fizessem o que sabiam fazer de melhor.

Agora, três dias mais tarde, enquanto estou praticamente correndo para meu almoço de negócios, nos meus sapatos de salto da sorte, os nós dos meus dedos estão pálidos por causa da força com que seguro o celular, e a reverberação do prego no caixão do meu relacionamento ressoa através de mim na forma da voz de Grant.

— Repete. — Minha intenção foi que soasse como uma pergunta. Mas saiu como uma ordem.

Grant suspira.

— Eu não vou voltar, Nora. As coisas mudaram pra mim nessa última semana. — Ele dá uma risadinha. — Eu mudei.

Um baque surdo atravessa meu coração urbano e frio.

— Ela é confeitadeira? — pergunto.

— O quê?

— Ela é *confeitadeira*? — repito, como se aquela fosse uma primeira pergunta absolutamente razoável a fazer quando seu namorado dispensa você pelo telefone. — A mulher por quem você está me deixando.

Depois de um breve silêncio, ele cede:

— Ela é filha do casal dono da pousada. Eles decidiram não vender. Vou ficar aqui e ajudá-los a administrar o lugar.

Não consigo evitar: caio na gargalhada. Essa sempre foi minha reação a más notícias. Provavelmente foi assim que conquistei o papel de Vilã Malvada na minha própria vida, mas o que mais eu deveria fazer? Me desmanchar em uma poça de lágrimas nesta calçada lotada? Que bem isso faria?

Paro do lado de fora do restaurante e levo a mão aos olhos com cuidado.

— Então, sendo mais clara — digo —, você está desistindo do seu emprego fantástico, do seu apartamento fantástico e *de mim*, e está se mudando para o Texas. Para ficar com alguém cuja carreira pode ser mais bem descrita como *a filha do casal que é dono da pousada*?

— Há coisas mais importantes na vida do que dinheiro e uma carreira sofisticada, Nora — retruca Grant, irritado.

Rio de novo.

— Não sei dizer se você acha mesmo que está falando sério.

Grant é filho de um magnata bilionário da hotelaria. “Nascido em berço de ouro” é pouco. Ele provavelmente usa papel higiênico folheado a ouro.

Para Grant, o curso superior era uma formalidade. Estágios eram uma formalidade. Diabo, usar *calça comprida* era uma formalidade! Ele conseguiu o emprego que tem por meio do mais puro nepotismo.

E é exatamente isso que torna esse último comentário dele tão rico, tanto figurativa quanto literalmente.

Preciso dizer a última parte em voz alta, porque Grant pergunta, irritado:

— O que você quer dizer com isso?

Espio pela janela do restaurante, então confiro a hora no celular. Estou atrasada... e *nunca* me atraso. Não era a primeira impressão que eu pretendia passar.

— Grant, você é um herdeiro de trinta e quatro anos. Para a maior parte de nós, nossos empregos estão diretamente atrelados à possibilidade de ter o que comer.

— Viu? — diz ele. — Esse é o tipo de visão de mundo que eu não aguento mais. Você pode ser tão fria às vezes, Nora. Chastity e eu queremos...

Não é intencional — não estou tentando ser sarcástica — quando solto uma gargalhada ao ouvir o nome dela. É só que, quando coisas hilarantemente ruins acontecem, parece que saio do corpo. Fico observando tudo acontecer como se estivesse distanciada de mim, e penso: *Jura? Foi isso que o universo escolheu fazer? Que sutil, não?*

Nesse caso, o universo escolheu guiar meu namorado para os braços de uma mulher batizada em homenagem à capacidade de manter o hímen intacto. *Chastity. Castidade. Ah, é engraçado.*

Grant bufa do outro lado da linha.

— São boas pessoas, Nora. Gente trabalhadora e honesta. Esse é o tipo de pessoa que eu quero ser. Escuta, Nora, não finja estar transtornada...

— Quem está fingindo?

— Você nunca precisou de mim...

— É claro que não!

Eu trabalhei duro para construir uma vida que fosse só minha, uma vida em que ninguém mais pudesse puxar uma tampa e me fazer escorrer por um ralo cósmico.

— Você nunca passou a noite no meu apartamento... — diz Grant.

— O meu colchão é objetivamente melhor!

Procurei aquele colchão por nove meses e meio antes de comprá-lo. É claro que isso também vale para como escolho namorados, e ainda assim terminei desse jeito.

— ... portanto não finja que está com o coração partido — continua Grant. — Não sei nem se você é capaz de se *sentir* assim.

Mais uma vez, tenho que rir.

Porque, quanto a isso, Grant está errado. A questão é que, depois que se tem o coração *realmente* partido uma vez, um telefonema como esse não é nada. Uma pontada no coração, talvez um sopro. Mas com certeza não uma rachadura.

Grant embalou agora:

— Eu nunca nem vi você chorar.

De nada, penso em dizer. Quantas vezes a mamãe nos disse, rindo por entre as lágrimas, que seu último namorado tinha dito que ela era emotiva demais?

Essa é a questão em relação às mulheres. Não há uma boa maneira de ser mulher. Se você expõe suas emoções, é histérica. Se as mantém sob controle, de modo que seu namorado não precise se preocupar com elas, não passa de uma megera sem coração.

— Preciso desligar, Grant — digo.

— É claro que você precisa — retruca ele.

Ao que parece, o fato de eu seguir com os compromissos que já tinha é apenas mais uma prova de que sou um robô frígido e cruel, que dorme em um colchão recheado de notas de cem dólares e de diamantes brutos. (Quem dera.)

Desligo sem me despedir e me enfiio embaixo do toldo do restaurante. Enquanto respiro fundo para me recompor, espero para ver se as lágrimas vão aparecer. Não aparecem. Nunca aparecem. Por mim, tudo bem.

Tenho um trabalho a fazer e, ao contrário de Grant, vou fazê-lo, por mim e por todos os outros na Agência Literária Nguyen.

Ajeito o cabelo, endireito os ombros e entro, sentindo o ar-condicionado forte arrepiar a pele dos meus braços.

Está tarde para o almoço, por isso o restaurante está mais vazio, e logo avisto Charlie Lastra mais para o fundo, todo de preto, como o próprio vampiro urbano do mundo editorial.

Nunca nos encontramos pessoalmente, mas chequei duas vezes a foto dele na *Publishers Weekly*, na notícia sobre sua promoção a editor executivo da Wharton House Books, e memorizei a fotografia: as sobrancelhas escuras e severas; os olhos castanho-claros; o vinco discreto no queixo, abaixo dos lábios

cheios. Ele tem aquela pinta escura em um dos lados do rosto que, se fosse em uma mulher, com certeza seria considerada uma marca de beleza.

Charlie não deve ter muito mais do que trinta e cinco anos, e tem o tipo de rosto que poderia ser descrito como jovial, se não fosse pela aparência cansada e pelos fios grisalhos no cabelo preto.

E ele está com uma expressão séria. Ou mal-humorada. Seus lábios estão cerrados. O cenho franzido. Carregado.

E checa o relógio.

Isso não é um bom sinal. Quando eu já estava saindo do escritório, minha chefe, Amy, me avisou que Charlie é conhecido por ser impaciente, mas não me preocupei. Sou sempre pontual.

A não ser quando tomo um pé na bunda por telefone. Então, ao que parece, me atraso seis minutos e meio.

— Oi! — Estendo a mão para apertar a dele quando me aproximo. — Nora Stephens. É um prazer finalmente conhecê-lo.

Ele se levanta, e a cadeira arrasta com barulho no chão. Sua roupa preta, as feições severas e sua atitude de modo geral têm o efeito aproximado de um buraco negro no salão do restaurante, sugando toda a luz ao redor e engolindo-a inteiramente.

A maior parte das pessoas usa preto como uma forma de profissionalismo preguiçoso, mas Charlie faz sua roupa parecer uma Escolha, com “e” maiúsculo — a combinação do suéter despojado de merino, da calça e dos sapatos brogues lhe dá o ar de uma celebridade surpreendida na rua por um paparazzo. Eu me pego calculando quantos dólares vale aquela roupa. Libby chama isso de meu “perturbador talento especial de classe média”, mas a verdade é que eu adoro coisas bonitas e adoro ficar navegando por sites de compras para me acalmar depois de um dia estressante.

Eu colocaria a roupa de Charlie em um valor entre oitocentos e mil dólares. Mais ou menos na mesma faixa da minha roupa, para ser sincera, embora tudo que esteja usando, a não ser meus sapatos, tenha sido comprado de segunda mão.

Charlie examina minha mão estendida por longos dois segundos antes de apertá-la.

— Você está atrasada.

Ele senta, sem se dar o trabalho de encontrar meu olhar.

Há algo pior do que um homem que se acha acima das leis do contrato social só porque nasceu com um rosto decente e uma carteira recheada? Grant minou minha tolerância diária para babacas arrogantes. Ainda assim, preciso jogar esse jogo, pelo bem da minha autora.

— Eu sei — digo com um sorriso contrito, mas sem pedir desculpa realmente. — Obrigada por me esperar. O trem que peguei precisou ficar um tempo parado. Você sabe como é o metrô.

Charlie ergue a cabeça para me fitar. Seus olhos parecem mais escuros agora, tanto que não tenho nem certeza de que há íris ao redor daquelas pupilas. Sua expressão diz que ele *não* sabe como é aquilo: trens de metrô parando nos trilhos por motivos ao mesmo tempo terríveis e mundanos.

Provavelmente ele não pega metrô.

Provavelmente vai para toda parte em uma limusine preta cintilante, ou em uma carruagem gótica puxada por uma parrelha de cavalos Clydesdales.

Tiro o blazer (em padrão espinha-de-peixe, Isabel Marant) e me sento à frente de Charlie.

— Você já pediu?

— Não — diz ele. E mais nada.

Minhas esperanças afundam ainda mais.

Marcamos essa reunião, semanas atrás, para nos conhecermos melhor. Mas, na última sexta-feira, mandei para Charlie um original novo de uma das minhas clientes mais antigas, Dusty Fielding. Agora estou repensando se teria coragem de submeter uma das minhas autoras a esse homem.

Pego o cardápio.

— Aqui servem uma salada de queijo de cabra fenomenal.

Charlie fecha o cardápio que tem na mão e olha para mim.

— Antes de seguirmos — ele diz, as sobrancelhas grossas e pretas franzidas, a voz baixa e naturalmente rouca —, só preciso lhe dizer que achei o livro novo da Fielding impossível de ler.

Eu o encaro boquiaberta. Não sei bem o que dizer. Até porque não havia planejado tocar no assunto do livro. Se Charlie quisesse rejeitá-lo, poderia simplesmente ter feito isso por e-mail. E sem usar a expressão *impossível de ler*.

Mas, mesmo deixando isso de lado, qualquer pessoa decente teria esperado pelo menos até já terem servido o pão antes de atirar insultos em mim.

Fecho também o cardápio e cruzo as mãos em cima da mesa.

— Considero o melhor livro dela até agora.

Dusty já publicou três outros livros, todos fantásticos, embora nenhum tenha vendido bem. A última editora dela não se dispôs a lhe dar outra chance, por isso ela está de volta ao mercado, procurando uma nova casa editorial para seu próximo romance.

E, tudo bem, talvez esse livro mais recente dela não seja o *meu* favorito, mas sem dúvida tem um imenso apelo comercial. Com o editor certo, sei o que ele pode vir a ser.

Charlie se recosta na cadeira, e seu olhar intenso e penetrante provoca um arrepio na minha coluna. É como se ele estivesse olhando direto através de mim, além dos modos educados que cintilam na superfície e chegando às bordas irregulares que há por baixo. Seu olhar parece dizer: *Tire esse sorrisinho do rosto. Você não é tão legal assim.*

Charlie gira o copo de água no lugar.

— O melhor livro dela é *A glória das pequenas coisas* — diz ele, como se três segundos de contato já tivessem sido o bastante para que conseguisse ler meus pensamentos mais íntimos, e soubesse que estava falando por nós dois.

Para ser sincera, *A glória das pequenas coisas* é um dos meus livros favoritos da última década, mas isso não torna o livro mais recente indigesto.

— Esse novo livro é tão bom quanto — digo. — Só é diferente... menos suave, talvez, mas tem um toque cinematográfico.

— Menos suave? — Charlie estreita os olhos, e o castanho-dourado volta a aparecer neles, o que diminui bastante a sensação de que eles poderiam me queimar viva. — Isso é como dizer que Charles Manson foi um guru de estilo de vida. Pode ser verdade, mas esse com certeza não é o ponto em questão. Esse livro dá a sensação de que alguém assistiu àquele comercial da Sarah McLachlan pela prevenção à crueldade contra os animais e pensou: *Mas e se todos os filhotinhos morressem na frente da câmera?*

Deixo escapar uma risada irritada.

— Muito bem. Não é o seu estilo de livro. Mas talvez fosse útil — enfatizo, irritada — se você me dissesse do que *gostou* no livro. Assim eu vou saber o que

lhe mandar no futuro.

Mentirosa, diz meu cérebro. *Você não vai mandar mais livro nenhum para esse homem.*

Mentirosa, dizem os olhos desconcertantes e solenes de Charlie. *Você não vai me mandar mais livro nenhum.*

Este almoço — esse potencial relacionamento de trabalho — está acabado antes mesmo de começar.

Charlie não quer trabalhar comigo, e eu não quero trabalhar com ele, mas imagino que ele não tenha abandonado por completo o contrato social, porque está pensando na minha pergunta.

— É muito sentimental para o meu gosto — ele diz, depois de algum tempo. — E os personagens são caricatos...

— *Excêntricos* — discordo. — Poderíamos abrandá-los, mas são muitos personagens... as excentricidades ajudam a distingui-los.

— E o cenário...

— Qual é o problema com o cenário? — A ambientação em *Só uma vez na vida* vende o livro todo. — Sunshine Falls é um lugar encantador.

Charlie dá uma risadinha debochada e literalmente revira os olhos.

— É totalmente fora da realidade.

— É um lugar real — retruco.

Dusty tinha feito a pequena cidade nas montanhas soar tão idílica que acabei pesquisando por ela no Google. Sunshine Falls, na Carolina do Norte, fica nos arredores de Asheville.

Charlie balança a cabeça. E parece irritado. Bem, somos dois.

Não gosto dele. Se eu sou a Pessoa Urbana arquetípica, ele é o Retrógrado, Implacável e Austero. Ele é o Misanthropo em Evolução, é o Gugu Mal-Humorado de *Vila Sésamo*, o Heathcliff no segundo ato de *O morro dos ventos uivantes*, as piores partes do sr. Knightley, de *Emma*.

O que é uma pena, porque Charlie também conquistou a reputação de ter um toque mágico. Vários amigos agentes o chamam de Midas. No sentido de que “tudo o que ele toca vira ouro”. (Embora também seja verdade que outros se refiram a ele como Nuvem de Tempestade. No sentido de: “Ele faz chover dinheiro, mas a que custo?”)

A questão é que Charlie Lastra escolhe vencedores. E ele não vai escolher *Só uma vez na vida*. Cruzo os braços diante do peito, determinada a dar um gás na minha confiança, se não na dele, e falo:

— Estou lhe dizendo, por mais forçado que você ache o lugar, Sunshine Falls realmente existe.

— Pode até existir — retruca Charlie —, mas *eu* estou *lhe* dizendo que Dusty Fielding nunca esteve lá.

— Por que isso importa? — pergunto, já sem me preocupar em fingir polidez.

Charlie torce os lábios diante da minha reação inflamada.

— Você queria saber do que eu não gostei no livro...

— Do que você *gostou* — corrijo.

— ... e eu não gostei do cenário.

Sinto uma pontada de raiva descer pela garganta, disparando dos pulmões.

— Então, que tal me dizer que tipo de livro *deseja*, sr. Lastra?

Charlie relaxa até estar totalmente recostado na cadeira, lânguido como um felino brincando com a presa. E gira novamente o copo d'água. Eu tinha achado que aquilo podia ser um tique nervoso, mas talvez seja uma tática sutil de tortura. Tenho vontade de derrubar o copo da mesa.

— Eu desejo — diz Charlie — o livro *anterior* da Fielding. *A glória das pequenas coisas*.

— Esse livro não vendeu.

— Porque a editora dela não soube vender — diz Charlie. — A Wharton House conseguiria. Eu conseguiria.

Levanto as sobrancelhas e me esforço para fazê-las voltarem ao lugar.

Bem nesse momento, a garçonete se aproxima da nossa mesa.

— Posso servir algo enquanto examinam o cardápio? — pergunta ela, com simpatia.

— Uma salada de queijo de cabra para mim — diz Charlie, sem olhar para nenhuma de nós duas.

Ele provavelmente não vê a hora de declarar que a minha salada favorita na cidade é *intragável*.

— E para a senhora? — pergunta a garçonete.

Contenho o arrepio que desce pela minha espinha sempre que alguém de vinte e poucos anos me chama de *senhora*. Deve ser assim que os fantasmas se sentem quando as pessoas andam por cima dos seus túmulos.

— Vou querer o mesmo — digo. Então, porque esse dia está um inferno e não há ninguém aqui que eu queira impressionar, e porque estou presa neste lugar por pelo menos mais quarenta minutos, com um homem com quem não tenho a menor intenção de algum dia vir a trabalhar, acrescento: — É um Dirty Martini. Com gim.

As sobranceiras de Charlie se erguem muito ligeiramente. São três da tarde de uma quinta-feira, o que não configura happy hour, mas, levando em consideração que o meio editorial praticamente fecha as portas no verão e a maior parte das pessoas tira as sextas-feiras de folga, já é quase fim de semana.

— Dia ruim — falo baixinho, enquanto a garçonete se afasta com nosso pedido.

— Não tão ruim quanto o meu — retruca Charlie. O resto da frase paira no ar: *Li oitenta páginas de Só uma vez na vida, depois me sentei para almoçar com você.*

Dou uma risadinha debochada.

— Você não gostou mesmo do cenário?

— Dificilmente eu conseguiria imaginar qualquer lugar onde eu gostaria menos de passar quatrocentas páginas.

— Sabe — digo —, você é tão agradável quanto me disseram.

— Não posso controlar a forma como me sinto — diz ele, com frieza.

Eu me irrita.

— Isso é como Charles Manson dizer que não foi ele que cometeu os assassinatos. Pode ser verdade do ponto de vista técnico, mas dificilmente é a questão principal.

A garçonete serve o meu martíni, e Charlie resmunga:

— Pode me servir um desses também?

MAIS TARDE NAQUELA noite, meu celular avisa da chegada de um e-mail.

Oi, Nora

Sinta-se à vontade para me manter em mente para futuros trabalhos da Dusty.

– Charlie

Não consigo me conter e reviro os olhos. Nada de *Foi um prazer conhecer você*. Nada de *Espero que esteja tudo bem com você*. Ele nem se deu o trabalho de usar as frases gentis mais básicas. Cerro os dentes e digito a resposta, imitando o estilo dele.

Charlie,
Se ela escrever alguma coisa sobre o guru de estilo de vida Charles Manson, você será o primeiro a saber.

– Nora

Enfio o celular no bolso da calça de moletom e abro a porta do banheiro para começar minha rotina de dez passos de cuidados com a pele (também conhecida como os melhores quarenta e cinco minutos do meu dia). O celular vibra e eu o pego para checar.

N,
Você deve estar brincando: eu adoraria ler esse.

– C

De jeito nenhum vou deixar que ele dê a última palavra. Escrevo:

Tchau.

(Não diria *Boa noite* de jeito nenhum.)

Até, responde Charlie, como se estivesse assinando um e-mail que não existe.

Se há uma coisa que odeio mais do que sapatos sem salto, é perder. Respondo com Abraços.

Não recebo mais nenhuma resposta. Xeque-mate. Depois de um dia infernal, essa pequena vitória me dá a sensação de que está tudo bem no mundo. Termina minha rotina de cuidados com a pele. Leio cinco capítulos abençoados de um romance de mistério terrível e adormeço no meu colchão perfeito, sem um único pensamento em Grant, ou na vida nova dele no Texas. Durmo como um bebê.

Ou como uma rainha da neve.

Dois anos depois

A CIDADE ESTÁ UM forno. O asfalto parece chiar com o calor. A lata de lixo na calçada está fedendo. As famílias pelas quais passamos carregam picolés que encolhem a cada passo, derretendo em seus dedos. O sol reflete nos prédios como um sistema de segurança a laser em um filme de assalto antiquado, e eu me sinto como um donut com cobertura que foi deixado no calor por quatro dias.

Libby, por outro lado, mesmo grávida de cinco meses, e apesar da temperatura, parece a estrela de um comercial de xampu.

— Três vezes. — Ela parece espantada. — Como uma pessoa consegue levar um pé na bunda *três vezes*, e sempre por causa de uma mudança completa de estilo de vida do namorado?

— Acho que é apenas sorte — digo.

Na verdade, foram quatro, mas nunca consegui me forçar a contar a Libby toda a história sobre Jakob. Já se passaram anos e mal consigo contar *a mim mesma* essa história.

Libby suspira e me dá um braço. Minha pele está grudenta por causa do calor e da umidade do alto verão, mas a da minha irmã caçula está miraculosamente seca e sedosa.

Talvez eu tenha herdado a altura de um metro e oitenta da minha mãe, mas o resto foi todo para minha irmã, do cabelo louro-avermelhado até os olhos grandes, da cor do Mediterrâneo, chegando às sardas espalhadas pelo nariz. Sua estatura mais baixa e o corpo curvilíneo provavelmente vieram do acervo genético do meu pai — não que nós tivéssemos como saber, já que ele foi embora quando eu tinha três anos, e a Libby ainda estava a alguns meses de nascer. Quando meu cabelo está ao natural, é de um louro-acinzentado e sem

graça, e o azul dos meus olhos é menos férias-idílicas-na-praia e mais a-última-coisa-que-você-vê-antes-de-a-água-congelar-e-você-se-afogar.

Ela é a Marianne da minha Elinor, a Meg Ryan da minha Parker Posey.

E também é minha pessoa favorita no planeta.

— Ah, Nora.

Libby me puxa mais para junto dela, e me delicio com aquela proximidade. Por mais frenéticos que possam ser a vida e o trabalho, sempre parece haver algum metrônomo interno que nos mantém sincronizadas. Muitas vezes eu pegava o celular para ligar para ela e já estava recebendo a ligação de Libby; ou ela me mandava uma mensagem sugerindo que a gente almoçasse juntas, então percebíamos que já estávamos na mesma parte da cidade. Mas, nos últimos meses, parece que perdemos essa sintonia. Na verdade, é como se estivéssemos vivendo em mundos separados.

Eu perco ligações dela enquanto estou em reuniões, e ela já está dormindo quando enfim consigo ligar de volta. Libby finalmente me convida para jantar em uma noite em que eu já tinha prometido jantar com um cliente. Pior do que isso é a sensação indistinta e inquietante de falta de conexão quando finalmente estamos juntas. Como se ela só estivesse comigo pela metade. Como se nossos metrônimos tivessem assumido ritmos diferentes e, mesmo quando estamos bem do lado uma da outra, nunca recuperassem a sintonia.

A princípio atribuí isso ao estresse por causa da descoberta da gravidez, mas, conforme o tempo foi passando, minha irmã pareceu *mais* distante do que próxima. Estamos basicamente fora de sintonia de um jeito que acho que nem consigo nomear, e nem mesmo meu colchão dos sonhos e uma nuvem de óleo de lavanda no difusor conseguem evitar que eu fique deitada, desperta, repetindo mentalmente nossas conversas, como se estivesse procurando leves rachaduras.

O semáforo abriu para nós, mas alguns motoristas passam acelerados pela luz que acabou de ficar vermelha. Quando um cara em um belo terno coloca o pé na rua, Libby me puxa para atravessarmos atrás dele.

É uma verdade universal que motoristas de táxi não atropelam pessoas com a aparência desse cara. A roupa dele diz: *Sou um homem que tem advogado*. Ou provavelmente apenas: *Sou advogado*.

— Pensei que você e o Andrew se dariam bem — comenta Libby, retomando a conversa naturalmente. Desde que eu esteja disposta a não me incomodar com o fato de que o nome do meu ex era Aaron, não Andrew. — Não entendo o que deu errado. Foi coisa de trabalho?

Ela volta os olhos na minha direção quando fala *coisa de trabalho*, e isso dispara outra lembrança na minha mente: eu me esgueirando para dentro do apartamento durante a festa de aniversário de quatro anos da Bea, e Libby me lançando um olhar digno de um cachorrinho ferido da Pixar, enquanto adivinhava: *Ligação de trabalho?*

Quando pedi desculpa, ela disse que não era nada, mas agora me pergunto se *aquele* foi o momento em que eu tinha começado a perdê-la, o exato segundo em que os nossos caminhos começaram a divergir, e passamos a nos afastar um pouco demais uma da outra, fazendo a costura que nos unia começar a se romper.

— O que deu errado — digo, recuperando meu lugar na conversa — foi que, em uma vida passada, eu traí uma bruxa muito poderosa e ela amaldiçoou a minha vida amorosa. Ele vai se mudar para a ilha Prince Edward, no Canadá.

Paramos no cruzamento seguinte, esperando que o trânsito se torne mais lento. É um sábado no meio de julho e todo mundo está na rua, usando o mínimo de roupa legalmente possível, tomando casquinhas de sorvete do Big Gay que pingam por toda parte, ou picolés artesanais cheios de coisas que não têm por que estar nem perto de uma sobremesa.

— Você sabe o que acontece na ilha Prince Edward? — pergunto.

— Anne de Green Gables? — diz Libby.

— Anne de Green Gables está morta a esta altura.

— Uau — fala ela. — *Spoiler*.

— Como uma pessoa deixa de viver *aqui* para se mudar para um lugar onde o destino mais empolgante é o Museu Canadense da Batata? Eu ia morrer de tédio.

Libby suspira.

— Não sei. Eu ia gostar de um pouco de tédio neste momento.

Olho de relance para ela, e meu coração pula uma batida. O cabelo de Libby ainda está perfeito e sua pele parece lindamente ruborizada, mas agora

novos detalhes chamam minha atenção, sinais que não havia percebido a princípio.

Os cantos da boca repuxados. O rosto um pouco mais fino. Libby parece cansada, mais velha do que o normal.

— Desculpe — diz ela, quase para si mesma. — Não quero ser a Mãe Triste e Debilitada... É só que... *realmente* preciso de um pouco de sono.

Minha mente já está girando, buscando lugares onde eu poderia puxar o fio e entender o que estava acontecendo. A preocupação eterna de Brendan e Libby é dinheiro, mas eles recusam ajuda nesse departamento há anos, por isso não encontrei meios criativos de dar uma força.

Na verdade, a ligação com que ela pode ou não ter ficado aborrecida foi um Presente de Aniversário Cavalo de Troia. Um “cliente” “cancelou” “uma viagem” e “a diária do quarto no St. Regis” “não era reembolsável”, por isso “fazia todo o sentido” fazer uma festa do pijama com as meninas ali, no meio da semana.

— Você não é uma Mãe Triste e Debilitada — digo agora, e volto a apertar o braço dela. — Você é a Supermãe. É a mulher mais gata, que passa pelo mercado de pulgas do Brooklyn de macacão, carregando os quinhentos filhos lindos, um buquê gigante de flores do campo e uma cesta cheia de tomates maduros. Está tudo bem se sentir cansada, Lib.

Ela estreita os olhos quando se vira para mim.

— Quando foi a última vez que você contou os meus filhos, irmã? Porque são só dois.

— Não quero fazer você se sentir uma péssima mãe — digo, e cutuco a barriga dela —, mas tenho oitenta por cento de certeza que tem mais um aí dentro.

— Tá certo, dois filhos e meio. — Libby volta a olhar na minha direção, a expressão cautelosa. — Então, como você está de verdade? Estou falando do rompimento do namoro.

— Só estávamos juntos há quatro meses. Não era nada sério.

— *Séria* é a natureza dos seus namoros — retruca ela. — Se um cara sai pra jantar uma terceira vez com você, então ele já passou em quatrocentos e cinquenta requisitos. Não pode ser chamado de um namoro casual quando você sabe o tipo sanguíneo da pessoa.

— Eu *não* sei o tipo sanguíneo dos meus namorados. Só exijo deles um relatório de crédito completo, uma avaliação psicológica e um juramento de sangue.

Libby joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Como sempre, fazer minha irmã rir é como uma injeção de serotonina direto no meu coração. Ou no meu cérebro? Provavelmente no cérebro. Serotonina no coração não é uma coisa boa. A questão é que a risada de Libby me dá a sensação de que o mundo está na palma da minha mão, como se eu estivesse no controle completo da Situação.

Talvez isso faça de mim uma narcisista, ou talvez apenas uma mulher de trinta e dois anos que se lembra de semanas inteiras em que não conseguia tirar da cama a irmã transtornada pelo luto.

— Ei — diz Libby, diminuindo o passo quando se dá conta de onde estamos, de para onde estamos nos dirigindo sem percebermos. — Olha.

Se fôssemos vendadas e lançadas de um avião em Nova York, provavelmente ainda terminaríamos aqui: olhando com uma expressão melancólica para a Freeman Books, a loja em West Village em cima de onde havíamos morado. No apartamento minúsculo onde a mamãe girava com a gente pela cozinha, nós três cantando “Baby Love” das The Supremes, usando utensílios de cozinha como microfones. O lugar onde passamos noites incontáveis aconchegadas em um sofá forrado com um tecido de estampa floral rosa e creme, assistindo a filmes da Katharine Hepburn com uma variedade de junk food espalhada pela mesa de centro que a mamãe tinha achado na rua (e cuja perna quebrada tinha sido substituída por uma pilha de livros).

Nos livros e nos filmes, personagens como eu sempre viviam em lofts com piso de cimento, decorados com arte moderna sombria e vasos de mais de um metro de altura cheios de... sei lá, gravetos pretos bagunçados, por alguma razão inexplicável.

Mas, na vida real, escolhi o apartamento em que eu moro por ele parecer muito com esse, que ficava em cima da livraria: piso de madeira antigo e papel de parede em cores suaves, com um aquecedor sibilando em um canto e estantes embutidas lotadas de livros brochura de segunda mão. As sancas tinham sido pintadas tantas vezes, uma camada por cima da outra, que haviam

perdido as bordas ressaltadas. E o tempo havia empenado as janelas altas e estreitas.

Essa pequena livraria e o apartamento acima dela são meus lugares favoritos no mundo.

E, por mais que também seja o lugar onde nossa vida foi rasgada ao meio doze anos atrás, eu amo esse apartamento.

— Ai, meu Deus!

Libby agarra meu braço e acena para o que está em destaque na vitrine da livraria: uma pirâmide do sucesso desenfreado de Dusty Fielding, *Só uma vez na vida*, com a nova capa com o cartaz do filme.

Ela pega o celular.

— Temos que tirar uma foto!

Não há ninguém que ame tanto os livros da Dusty como minha irmã. E isso não é pouca coisa, afinal, em seis meses, o livro já vendeu um milhão de exemplares. As pessoas estão chamando *Só uma vez na vida* de o livro do ano. É como se *Um homem chamado Ove* encontrasse *Uma vida pequena*.

Tome isso, Charlie Lastra, penso, como faço toda vez que lembro daquele almoço fatídico. Ou sempre que passo pela porta firmemente fechada do escritório dele (o que é ainda mais delicioso, já que Charlie passou a trabalhar na editora que publicou *Só uma vez na vida*, onde agora está sempre cercado por lembretes constantes do meu sucesso).

Tá certo, eu penso muito *Tome isso, Charlie Lastra*. Ninguém esquece a primeira vez que um colega nos trata com extrema falta de profissionalismo.

— Vou ver o filme quinhentas vezes — diz Libby. — Seguidas.

— Use uma fralda — aconselho.

— Não vai precisar — retruca ela. — Vou chorar demais. Não vai ter xixi no meu corpo.

— Eu não imaginava que você tivesse um... conhecimento tão abrangente de ciência.

— A última vez que li esse livro, chorei tanto que travei um músculo nas costas.

— Você deveria considerar a possibilidade de se exercitar mais.

— Grossa. — Ela acena para a barriga, então nos leva de novo na direção da loja de sucos. — Enfim, vamos voltar para a sua vida amorosa. Você só

precisa começar a sair de novo.

— Libby — digo —, eu compreendo que você tenha encontrado o amor da sua vida quando tinha vinte anos, e por isso nunca chegou a ter encontros com vários caras. Mas imagine por um momento, se puder, um mundo em que trinta por cento dos seus encontros terminam com a revelação de que o homem do outro lado da mesa tem um fetiche por pés, cotovelos ou joelhos.

Foi o grande choque da minha vida quando minha irmã romântica e bem-humorada se apaixonou por um contador nove anos mais velho, que *adora* ler sobre trens. Mas o Brendan também é o homem mais confiável que conheci na vida, e já aceitei há muito tempo que de algum modo, contrariando todas as chances, ele e minha irmã são almas gêmeas.

— Trinta por cento?! — ela se espanta. — Em que diabo de aplicativo de encontro você está, Nora?

— Os aplicativos normais! — digo.

Interessada pelo mais puro discernimento, *sim*, eu pergunto logo de cara sobre fetiches, sem rodeios. Não é que trinta por cento dos homens anunciem suas taras depois de vinte minutos em um encontro, mas esse é o problema. A última vez que minha chefe, Amy, foi para a casa de uma mulher que não havia sido devidamente avaliada, ela acabou descobrindo um quarto só com bonecas. Bonecas de porcelana do chão ao teto.

Seria inconveniente me apaixonar por uma pessoa e descobrir um quarto com bonecas na casa dela? A resposta é “muito”.

— Podemos nos sentar por um segundo? — pergunta Libby, um pouco ofegante, e contornamos um grupo de turistas alemães para nos sentarmos no parapeito da vitrine de um café.

— Você está bem? — pergunto. — Quer que eu pegue alguma coisa? Água?

Ela balança a cabeça, e coloca o cabelo atrás da orelha.

— Só estou cansada. Preciso parar um pouquinho.

— Talvez pudéssemos passar um dia em um spa — sugiro. — Tenho um voucher.

— Antes de mais nada — diz Libby —, você está mentindo, eu garanto. Em segundo lugar... — Ela morde o lábio pintado de rosa. — Tenho outra coisa em mente.

— *Dois* dias em um spa? — sugiro.

Libby dá um sorrisinho hesitante.

— Lembra que você está sempre reclamando que o mercado editorial basicamente fecha em agosto e você não tem nada pra fazer?

— Eu tenho *muito* o que fazer — argumento.

— Nada que exija que você permaneça na cidade — continua ela. — Portanto, e se nós fôssemos para algum lugar? Se nós viajássemos por algumas semanas só para *relaxar*? Posso muito bem passar um dia sem os fluidos corporais de outra pessoa escorrendo em mim, e *você* pode esquecer o que aconteceu com o Aaron, e nós duas podemos só... dar um tempo de sermos a Supermãe Cansada e a Mulher de Carreira Elegante que nós temos que ser pelos outros onze meses do ano. Talvez você possa pegar carona na história dos livros dos seus ex-namorados e ter um romance vertiginoso com um... caçador de lagostas local?

Fico olhando para Libby, tentando avaliar quanto do que ela está falando é sério.

— Pescador? Pescador de lagostas? — diz ela.

— Mas a gente nunca vai a lugar nenhum — argumento.

— *Exatamente* — fala Libby, com uma ponta de irritação na voz.

Ela pega minha mão, e eu reparo que suas unhas estão roídas. Tento engolir, mas é como se meu esôfago estivesse dentro de um torno. Porque, neste exato momento, me dou conta subitamente de que há alguma coisa mais séria acontecendo com Libby do que problemas rotineiros com dinheiro, falta de sono ou irritação com minha agenda de trabalho.

Seis meses atrás, eu teria percebido o que estava acontecendo. Não teria nem precisado perguntar. Libby teria passado no meu apartamento, sem avisar, se jogado dramaticamente no meu sofá e dito: “Sabe o que está me incomodando ultimamente, irmã?” Ela deitaria a cabeça no meu colo e colocaria meus dedos no seu cabelo enquanto derramava suas preocupações junto com uma taça revigorante de vinho branco. As coisas estão diferentes agora.

— Essa é a nossa chance, Nora — diz ela baixinho, com urgência. — Vamos fazer uma viagem. Só nós duas. A última vez que viajamos foi para a Califórnia.

Meu estômago afunda, depois revira. Aquela viagem — assim como meu relacionamento com Jakob — é parte de uma época da minha vida que é melhor eu não revisitar.

Praticamente tudo que eu faço, na verdade, é para garantir que Libby e eu nunca mais nos vejamos naquela situação lamentável em que estávamos depois da morte da mamãe. Mas a verdade é que não vejo Libby desse jeito, como se estivesse prestes a desmoronar, desde aquela época.

Engulo com dificuldade.

— Você pode sair da cidade neste exato momento?

— Os pais do Brendan vão ajudar com as meninas. — Ela aperta minhas mãos, os olhos azuis praticamente faiscando de esperança. — Quando o bebê chegar, vou ser uma concha vazia por algum tempo, e, antes que isso aconteça, quero muito, muito mesmo, passar um tempo com você, como a gente fazia antes. Além disso, estou a três noites insones de distância de surtar e pegar *Cadê você, Bernadette?*, ou talvez até *Garota exemplar*. Preciso dessa viagem.

Sinto o peito apertado. A imagem de um coração dentro de uma caixa de metal pequena demais passa de relance pela minha mente. Sempre fui incapaz de dizer não para Libby. Não conseguia quando ela tinha cinco anos e queria o último pedaço da cheesecake do Junior's, ou quando tinha quinze e queria pegar meu jeans favorito emprestado (e a parte de trás da calça nunca se recuperou das curvas excepcionais dela) nem quando Libby tinha dezesseis e disse por entre as lágrimas: *Eu só não quero ficar aqui*, e eu parti com ela para Los Angeles.

Libby nunca chegou a me pedir nenhuma dessas coisas, mas está pedindo agora, as palmas das mãos unidas e um beicinho. E isso me deixa em pânico e sem ar, ainda mais fora de controle que a ideia de sair da cidade.

— *Por favor.*

O cansaço a deixa com uma aparência apagada, irreal, e me dá a impressão de que, se eu tentasse afastar o cabelo dela da testa, meus dedos poderiam passar direto por ela. Eu não sabia que era possível sentir falta de uma pessoa desse jeito quando ela está sentada bem na sua frente, sentir tanta falta que chega a doer.

Ela está bem aqui, digo a mim mesma, *e ela está bem. Não importa o que esteja acontecendo, você vai dar um jeito.*

Engulo cada desculpa, reclamação e argumento que tentam subir pela minha garganta.

— Vamos viajar.

Os lábios de Libby se curvam em um sorriso. Ela se agita em cima do parapeito para pegar alguma coisa no bolso de trás.

— Muito bem, ótimo. Porque eu já comprei isto, e não sei se é reembolsável.

Ela coloca duas passagens de avião impressas no meu colo, e é como se o momento nunca tivesse acontecido. Como se em questão de cinco segundos, eu tivesse minha irmã caçula animada de volta — e eu trocaria alguns órgãos para cimentar nós duas neste momento, para viver para sempre aqui, onde Libby está cintilando. Meu peito relaxa. A respiração seguinte sai fácil.

— Você não vai olhar para onde nós vamos? — pergunta Libby, o tom bem-humorado.

Desvio o olhar dela e confiro a passagem.

— Asheville, Carolina do Norte?

Ela balança a cabeça.

— Esse é o aeroporto mais próximo de Sunshine Falls. Vai ser... uma viagem *única*.

Solto um gemido, e Libby me abraça, rindo.

— Vamos nos divertir tanto, irmã! E você vai se apaixonar por um lenhador.

— Se há uma coisa que me deixa excitada — digo —, é o desmatamento.

— Um lenhador ético, orgânico, sustentável e que não consuma glúten — emenda Libby.

NO AVIÃO, LIBBY insiste para pedirmos Bloody Mary. Na verdade, ela tenta me pressionar a tomar alguns shots, mas acaba se conformando com um Bloody Mary (e um suco de tomate simples para ela). Não sou de beber, e *nunca* fui muito chegada a consumir bebidas alcoólicas pela manhã. Mas essas são minhas primeiras férias em uma década, e estou tão ansiosa que tomo o drinque todo nos primeiros vinte minutos do nosso voo.

Não gosto de viajar, não gosto de ficar longe do trabalho e não gosto de deixar meus clientes abandonados. Ou, nesse caso, uma cliente basicamente indispensável: passei as quarenta e oito horas antes do voo alternando entre tentar acalmar Dusty e elevar o ânimo dela.

Já estamos seis meses atrasadas para o prazo final de entrega do próximo livro dela, e, se Dusty não começar a mandar páginas para a editora esta semana, toda a programação terá que ser descartada.

Dusty é tão supersticiosa sobre todo o processo de esboço que nem sabemos no que ela está trabalhando, mas, de qualquer modo, disparo outro e-mail encorajador de *você-consegue* do celular.

Libby me lança um olhar severo, a sobrancelha arqueada. Pouso o celular e levanto as mãos, esperando deixar claro que *estou presente*.

— Bom — diz ela, apaziguada, e arrasta a bolsa exageradamente grande para cima da bandeja dobrável —, acho que este é um momento tão bom quanto outro qualquer pra gente examinar o plano. — Ela pega uma pasta de verdade, em tamanho real, dentro da bolsa, e abre.

— Ai, meu Deus, o que é isso? — pergunto. — Você está planejando roubar um banco?

— *Assaltar*, irmã. *Roubar* soa tão deselegante, e nós vamos estar de terninho o tempo todo — diz ela, sem perder o ritmo, e pega duas folhas

idênticas plastificadas, com o título digitado: LISTA DE FÉRIAS PARA MUDAR DE VIDA.

— Quem é você, e onde enterrou a minha irmã? — pergunto.

— Eu sei que você adora uma lista — explica Libby, animada. — Por isso tomei a liberdade de montar uma para nós criarmos a nossa aventura perfeita em uma cidade pequena.

Pego uma das lâminas.

— Espero que o primeiro item seja “dançar em cima do balcão de um Coyote Ugly Bar”, aquele do filme *Show Bar*, lembra? Embora eu não tenha certeza se qualquer gerente que honre o cargo vá permitir isso com você nesse estado.

Libby se finge de ofendida.

— A barriga já está aparecendo muito?

— Nãããão — murmuro. — De jeito nenhum.

— Você é uma péssima mentirosa. Parece que seus músculos faciais estão sendo controlados por meia dúzia de titereiros amadores. Agora, de volta à lista de coisas para fazer antes de morrer.

— Como assim? Qual de nós duas está morrendo?

Ela levanta a cabeça, os olhos cintilando. Eu diria que vejo um brilho travesso ali, mas os olhos de Libby estão quase sempre cintilando.

— O nascimento é uma espécie de morte — diz, e passa a mão na barriga. — Morte do eu. Morte do sono. Morte da sua capacidade de não se mijar um pouco quando ri. Mas imagino que seja mais uma espécie de lista para viver uma *experiência de livro romântico de cidade pequena* do que uma lista de coisas para fazer antes de morrer. Para que a gente saia *transformada* pela mágica de uma cidadezinha em versões mais relaxadas de nós mesmas.

Examino novamente a lista. Antes de Libby ficar grávida pela primeira vez, ela trabalhou por pouco tempo como organizadora de eventos de primeira linha (entre muitas, muitas, muitas outras coisas), por isso, apesar da sua tendência natural à espontaneidade (leia-se: ao caos), ela deu alguns bons passos em relação à organização, mesmo antes da maternidade. Mas o nível de planejamento que vejo agora é tão absurdamente... *eu*, e me sinto estranhamente comovida por ela ter se dedicado tanto.

Também fico chocada quando descubro que o primeiro item da lista é *Usar camisa de flanela*.

— Não tenho camisa de flanela — digo.

Libby dá de ombros.

— Nem eu. Vamos ter que comprar algumas... talvez a gente também encontre botas de caubói.

Na adolescência, nós duas passávamos horas no nosso bazar de caridade favorito examinando roupas horrorosas, em busca de algum achado. Eu procurava peças elegantes de estilistas, enquanto Libby era atraída imediatamente na direção de qualquer coisa com cor, franjas ou brilhos.

Mais uma vez senti o coração apertado, como se estivesse com saudade de Libby, como se nossos melhores momentos já tivessem ficado para trás. Por isso estou fazendo esta viagem, lembro a mim mesma. Quando voltarmos para Nova York, as pequenas rachaduras que surgiram entre nós não vão ter mais importância, e já terão desaparecido.

— Flanela — digo. — Certo.

O segundo item da lista é *Fazer um pão ou um doce*. Continuando com os exemplos de como somos polos opostos, minha irmã *ama* cozinhar, mas, como normalmente contempla as papilas gustativas de criaturas com três ou quatro anos, está sempre guardando suas receitas mais desafiadoras para nossas noites juntas. Sigo passando os olhos pela lista.

3. Renovar o visual (usar o cabelo solto/cortar a franja?)

4. Construir alguma coisa (literalmente falando, não figurativamente)

Os primeiros quatro itens estão quase diretamente relacionados ao Cemitério de Carreiras em Potencial Abandonadas da Libby. Antes do emprego em planejamento de eventos, ela havia administrado por pouco tempo um brechó virtual que fazia curadoria de achados em lojas baratas; antes disso, houve a fase em que queria ser confeiteira; antes ainda, foi cabeleireira; e, por um verão muito breve, Libby tinha decidido que queria ser carpinteira, porque não havia “muitas mulheres nesse campo de trabalho”. Na época, minha irmázinha tinha oito anos.

Portanto, tudo até aqui faz sentido — pelo menos tanto quanto toda essa história faz sentido (o que é o mesmo que dizer *só na cabeça da Libby*) —, mas então meu olhar chega ao número cinco.

— Hummm, o que é *isso*?

— Ter pelo menos dois encontros com moradores da cidade — ela lê, visivelmente empolgada. — Esse não é pra mim.

Libby levanta a cópia dela da lista, e o número cinco está riscado.

— Ah, não é justo — reclamo.

— Você deve lembrar que eu sou casada, e que estou com cinco trilhões de semanas de gravidez.

— E eu sou uma profissional, com um serviço de faxina toda semana, um quarto extra que transformei em closet de sapatos e um cartão de crédito da Sephora. Não imagino que o meu homem dos sonhos seja um pescador de lagostas.

Libby se anima e chega para a frente no assento.

— Exatamente! — diz ela. — Escuta, Nora, você sabe que eu amo o seu cérebro lindo, organizado em classificação decimal de Dewey, mas você escolhe os caras com que sai como se estivesse procurando um carro para comprar.

— Obrigada.

— E *sempre* termina mal.

— Ah, obrigada mesmo. — Levo a mão ao peito. — Eu estava preocupada por isso ainda não ter sido mencionado.

Ela tenta se virar e segura minhas mãos sobre o braço do assento entre nós.

— Estou só dizendo que você continua a sair com esses caras que são exatamente como você, com as mesmas prioridades.

— Você pode resumir essa frase dizendo apenas “homens com quem eu sou compatível”.

— Às vezes os opostos se atraem. Pense em todos os seus ex. Pense no Jakob e na esposa cowgirl dele.

Sinto arrepios frios atravessarem meu corpo à menção de Jakob. Libby não percebe.

— O objetivo principal desta viagem é sair da nossa zona de conforto — insiste ela. — Para ter a oportunidade de... de ser alguém diferente! Além disso, quem sabe? Talvez, se você diversificar um pouco as suas opções, acabe

encontrando a sua própria história de amor, o romance que vai *mudar a sua vida*, em vez de outro namorado que não passa de uma lista de tarefas ambulante.

— Eu *gosto* de listas de tarefas ambulantes, muito obrigada — digo. — Listas de tarefas simplificam as coisas. Quer dizer, pense na mamãe, Lib.

Nossa mãe estava sempre se apaixonando, e nunca por homens que faziam qualquer sentido para ela. E as coisas sempre davam espetacularmente mal, sempre deixando a mamãe tão arrasada que ela faltava ao trabalho, ou a audições, ou se saía tão mal que era demitida do emprego, ou reprovada na audição.

— Você não é nada parecida com a mamãe.

Libby fala de um jeito leve, mas dói mesmo assim. Estou muito consciente de como pareço pouco com nossa mãe. Senti isso a cada segundo de cada dia depois que a perdemos, quando eu estava tentando manter nossa cabeça acima da superfície da água.

Sei que não é disso que Libby está falando, mas ainda assim não parece muito diferente do que escutei sempre que alguém terminava um relacionamento comigo: um longo desabafo em um monólogo, que terminava com alguma coisa como: PELO QUE SEI, VOCÊ NEM TEM SENTIMENTOS.

— O que eu quero dizer é: com que frequência você só *deixa a vida correr*, sem se preocupar com o jeito como aquilo se encaixa no seu plano de vida perfeito? — continua Libby. — Você merece um pouco de diversão sem pressão, e, sinceramente, *eu* mereço viver indiretamente através de você. Portanto, os encontros ficam.

— E eu tenho permissão para tirar o transmissor do ouvido depois do jantar, ou...

Libby joga as mãos para cima.

— Sabe de uma coisa? Tudo bem, esquece o número cinco! Embora fosse ser bom pra você. Embora eu tenha basicamente planejado esta viagem toda para que você tivesse a sua experiência de livro romântico passado em uma cidade pequena, eu acho...

— Tá bom, tá bom! — digo. — Vou sair com o lenhador, mas é melhor que ele se pareça com o Robert Redford.

Ela dá um gritinho animado.

— Robert Redford jovem ou velho?

Eu a encaro.

— Tudo bem — diz Libby. — Entendi. Vamos seguir com a lista. Número seis: *Mergulhar nua em um lago.*

— E se a água tiver aquela bactéria que afeta o bebê, ou coisa parecida? — pergunto.

— Droga — resmunga ela, o cenho franzido. — Eu realmente não pensei tão bem em tudo isso como imaginava.

— Bobagem. A lista está incrível.

— Você vai ter que mergulhar nua sem mim, então — declara ela, distraída.

— Uma mulher de trinta e dois anos, sozinha e nua em um lago. Me parece um bom modo de ser presa.

— Sete — continua Libby. — *Dormir embaixo das estrelas. Oito: Comparecer a algum evento da cidade, ou seja, a um casamento ou a um festival qualquer.*

Encontro uma caneta na bolsa e acrescento: *funeral, brit milá, a noite das mulheres no ringue de patinação da cidade.*

— Quer conhecer o médico gato da emergência, né? — comenta Libby, e eu risco a parte do ringue de patinação. Então leio o número nove.

Montar a cavalo.

— Mais uma vez. — Aceno vagamente na direção da barriga de Libby. Risco *montar* e mudo para *fazer carinho em*. Ela solta um suspiro resignado.

10. Acender uma fogueira (em um ambiente controlado)

11. Caminhada???? (Vale a pena???)

Quando tinha dezesseis anos, Libby anunciou que estava indo com o namorado trabalhar no parque Yellowstone durante o verão, e mamãe e eu tivemos uma crise de riso. Se havia uma coisa que todas as mulheres Stephen tinham em comum — além do nosso amor por livros, por sérums de vitamina C e por roupas bonitas —, era nossa ojeriza a grandes espaços abertos ao ar livre. O mais perto que já chegamos de fazer uma caminhada foram algumas

andadas rápidas no The Ramble, do Central Park, e mesmo nessas vezes a experiência costumava envolver embalagens de papel com waffles e sorvetes comprados em food trucks. Não era exatamente rudimentar.

Nem preciso dizer que Libby terminou com aquele cara duas semanas antes da suposta partida para Yellowstone.

Bato com o dedo na última linha da lista: *Salvar um negócio local*.

— Você sabe que só vamos passar um mês na cidade, né?

Três semanas só nós duas, depois disso Brendan e as meninas vão se juntar a nós. Conseguimos um bom desconto por passarmos tanto tempo, embora eu não tenha ideia de como vai ser para mim depois da primeira semana.

Da última vez que viajei, voltei para casa depois de dois dias. Até mesmo deixar a mente divagar na direção daquela viagem com Jakob é um erro. Me forço a me concentrar de novo no presente. Esta viagem não vai ser como aquela. Eu não vou permitir. Sou capaz de fazer isso, pela Libby.

— Sempre salvam um negócio local em romances passados em cidades pequenas — argumenta ela. — Simplesmente não temos escolha. Estou torcendo para que seja uma fazenda de criação de ovelhas passando por dificuldades.

— Aah. Talvez a gente consiga que a comunidade de sacrifício ritualístico se una de forma dramática para salvar as ovelhas. A princípio, quero dizer. No fim, elas terão que morrer no altar.

— Isso aí. — Libby dá um gole no suco de tomate. — Essa é a ideia, garota.

O MOTORISTA DO táxi que pegamos parece o Papai Noel — desde a camiseta vermelha até os suspensórios presos no jeans desbotado. Mas ele dirige como o personagem fumante de Bill Murray em *Os fantasmas contra-atacam*.

Libby não para de soltar gritinhos quando ele faz uma curva rápido demais e, em um momento, eu a pego sussurrando para a barriga, prometendo que vai ficar tudo bem.

— Sunshine Falls, né? — pergunta o motorista.

Ele tem que gritar, porque tomou a decisão unilateral de baixar o vidro de todas as quatro janelas. Meu cabelo está batendo com tanta força no rosto que

mal consigo ver o olhar lacrimejante dele pelo retrovisor quando levanto os olhos do celular.

No tempo em que estávamos desembarcando e recolhendo nossa bagagem — o que levou uma hora inteira, apesar do fato de o nosso voo ter sido *o único* a chegar àquele aeroporto minúsculo —, o número de mensagens na minha caixa de entrada dobrou. Parece que acabei de voltar de um período de oito semanas direto em uma ilha deserta.

Nada torna um grupo já neurótico de autores tão absurdamente mais neurótico quanto o período menos movimentado no mercado editorial. Cada resposta que demora a chegar dispara uma avalanche de A MINHA EDITORA FAVORITA ME ODEIA????? VOCÊ ME ODEIA?? TODO MUNDO ME ODEIA??

— Sim! — grito de volta para o taxista.

Libby está com a cabeça entre os joelhos a essa altura.

— Vocês devem ter família na cidade — grita ele, por cima do barulho do vento.

Talvez seja a nova-iorquina em mim, talvez o simples fato de ser mulher, mas não estou disposta a anunciar que não conhecemos *ninguém* em Sunshine Falls. Por isso, digo apenas:

— Por que a pergunta?

— Por que mais alguém viria pra cá? — Ele ri e faz uma curva em alta velocidade.

Quando paramos, poucos minutos depois, tenho que me conter para não aplaudir, como alguém que acaba de sobreviver a um pouso de emergência.

Libby está sentada, tonta, alisando o cabelo brilhante (que milagrosamente não está todo embaraçado).

— Onde... onde nós estamos? — pergunto, olhando ao redor.

Não há nada aqui além de grama amarelada pelo sol dos dois lados de uma estrada estreita de terra batida. Mais adiante, a estrada termina abruptamente, dando lugar a uma campina, coberta de flores do campo amarelas e roxas, um pouquinho elevada. Um beco sem saída.

O que leva inevitavelmente à pergunta: estamos prestes a ser assassinadas?

O motorista abaixa a cabeça para olhar para a encosta.

— O Chalé Lírio da Goode fica bem no alto daquela colina.

Libby e eu também abaixamos a cabeça, tentando ver melhor além do vidro do carro. No meio da colina, uma escada parece surgir do nada. Talvez *escada* seja uma palavra generosa demais. Tábuas de madeira cortadas formam um caminho na lateral gramada da colina, como uma série de pequenos muros de contenção.

Libby faz uma careta.

— O anúncio *dizia* que não era acessível a cadeirantes.

— Também mencionava que precisamos de um teleférico pra chegar lá?

Papai Noel já tinha saído do carro para pegar nossa bagagem no portamalas. Saio também para o sol forte, e, na mesma hora, o calor deixa meu uniforme de viagem todo preto parecendo desconfortavelmente pesado. Onde a estrada de terra termina, há uma caixa de correio preta com *Chalé Lírio da Goode* pintado em letras brancas sinuosas.

— Não há outro caminho para chegar lá? — pergunto. — Uma estrada que suba até o alto, onde fica o chalé? A minha irmã está...

Posso jurar que Libby prende o ar e encolhe a barriga, procurando parecer o menos grávida possível.

— Estou *bem* — ela garante.

Considero brevemente mostrar os sapatos de camurça com salto dez que estou usando, mas não quero dar ao universo a satisfação de se deleitar com o clichê.

— Desculpa, mas não tenho como deixar vocês mais perto — responde o taxista, já entrando de novo no carro. — Um acre ou dois para trás fica a casa da Sally. É o segundo caminho mais perto, mas ainda é longe. — Ele estende um cartão de visita pela janela. — Se precisarem de outra corrida, liguem para este número.

Libby pega o pedaço de papel, e eu leio por cima do ombro dela: “Hardy Weatherbee, Serviços de Táxi e Roteiros Não Oficiais de *Só uma vez na vida*”. Ela dá uma risada que se perde sob o ronco do carro de Hardy Weatherbee dando ré na estrada, como um morcego escapando do inferno.

— Bom. — Ela se encolhe um pouco e curva os ombros. — Talvez seja melhor você tirar os sapatos?

Com toda a bagagem que trouxemos, ia ser preciso mais de uma viagem até a casa, principalmente porque de jeito nenhum Libby ia carregar nada mais

pesado do que o meu sapato.

A ladeira é íngreme, o calor está abafado, mas quando chegamos ao alto da colina e vemos a casa... ela é perfeita: um caminho tortuoso através de jardins bagunçados, com plantas supercrescidas, que leva até um chalezinho branco, com um telhado pontudo em um tom lindo de siena queimada. As janelas são antigas, com um único painel de madeira, e não têm persianas, e o único detalhe na parede que conseguimos ver é um arco de vinhas verdes pálidas pintado na janela do primeiro piso. No fundo da casa, árvores nodosas se apertam umas nas outras, e a floresta se estende até onde a vista alcança. À esquerda, na campina, um gazebo com vinhas silvestres entrelaçadas se ergue dentro de um bosque menor. Sinos de vento de vidro cintilante e comedouros para pássaros estão pendurados nos galhos, e a trilha corta uma fileira de arbustos floridos, faz uma curva e chega a uma ponte estreita, então desaparece no bosque no outro extremo.

É como se o lugar tivesse saído de um livro.

Não, é como se o lugar tivesse saído de *Só uma vez na vida*. Charmoso. Singular. Perfeito.

— Ai, meu Deus. — Libby levanta o queixo na direção dos próximos poucos degraus. — Eu tenho *mesmo* que continuar?

Balanço a cabeça, ainda recuperando o fôlego.

— Eu poderia amarrar um lençol no seu tornozelo e arrastar você até lá.

— O que eu ganho se conseguir chegar até o topo?

— O direito de fazer o jantar pra mim? — sugiro.

Ela ri e passa o braço no meu, e começamos a subir os últimos degraus, inspirando o ar suave e doce da grama quente. Sinto meu coração inchar no peito. As coisas já parecem melhores do que em meses. Parecem mais *nós duas*, antes de tudo acelerar na minha carreira e na família de Libby, e nós cairmos em ritmos separados.

Escuto o celular dentro da minha bolsa anunciar a chegada de um e-mail, e resisto ao ímpeto de checar.

— Olhe só pra você — brinca Libby —, parando para cheirar rosas de verdade.

— Não sou mais a Nora Urbana — digo. — Sou a Nora Relaxada, que segue o fluxo...

O celular apita de novo, e olho na direção da bolsa, ainda mantendo o ritmo. Ele apita mais duas vezes em uma rápida sucessão, então uma terceira.

Não consigo aguentar. Paro, deixo nossa bagagem no chão e começo a procurar o celular na bolsa.

Libby me lança um olhar de desaprovação silenciosa.

— Amanhã — digo a ela — eu começo a ser essa outra Nora.

POR MAIS DIFERENTES que nós sejamos, no instante que começamos a desfazer as malas não poderia ficar mais óbvio que somos vinho da mesma pipa: livros, produtos de cuidados com a pele e lingerie muito chique. O Trio de Luxo das Mulheres Stephen, como dizia a mamãe.

— Algumas coisas nunca mudam — diz Libby com um suspiro, um som saudoso e feliz que me envolve como o calor do sol.

A teoria da mamãe era a de que uma pele jovem daria mais dinheiro a uma mulher (tanto como atriz quanto como garçonete), boa roupa de baixo a tornaria mais confiante (até aqui isso se provou verdadeiro) e bons livros a deixariam mais feliz (uma verdade universal), e sem dúvida Libby e eu fizemos as malas com essa teoria em mente.

Em vinte minutos eu estava acomodada, com o rosto lavado, usando roupa limpa e com o notebook ligado. Nesse meio-tempo, Libby desarrumou metade da bagagem dela, então desmaiou na cama king-size que vamos dividir, com o exemplar dela de *Só uma vez na vida*, cheio de páginas marcadas, virado para baixo ao seu lado, em cima da colcha de retalhos.

A essa altura, estou com uma fome desesperadora, e demoro seis minutos de busca no Google (o wi-fi é tão lento que tenho que usar meu celular como roteador) para confirmar que o único lugar que entrega aqui é uma pizzaria.

Cozinhar não é uma opção. Em casa, faço cinquenta por cento das minhas refeições na rua, e os outros quarenta por cento vêm de uma mistura de comidas que compro prontas no caminho e delivery.

Minha mãe dizia que Nova York era um ótimo lugar para não ter dinheiro. Há tanta arte e beleza gratuitas, tanta comida incrível e barata. *Mas ter dinheiro em Nova York*, eu me lembro dela dizendo em um inverno, enquanto víamos vitrines no Upper East Side, com Libby e eu agarradas nas mãos enluvadas dela, *isso seria mágico*.

Ela nunca falava isso com amargura, mas sim em um tom encantado, como se dissesse: *Se as coisas já são boas agora, então como devem ser quando não temos que nos preocupar com a conta de luz?*

Não que ela trabalhasse como atriz pelo dinheiro (mamãe era uma otimista, não uma iludida). A maior parte da renda dela vinha das gorjetas que recebia como garçoneiro na lanchonete onde trabalhava, onde Libby e eu ficávamos sentadas em uma mesa, com livros, ou lápis de cor, pelo tempo que durava o turno dela; ou de algum trabalho ocasional de babá que fosse complacente o bastante para permitir que ela nos levasse junto — isso foi até eu fazer onze anos, e mamãe confiar em mim para ficar em casa, ou na Freeman Books, com Libby, sob o olhar atento da sra. Freeman.

Mesmo sem dinheiro, nós três tínhamos sido muito felizes naquela época, andando pela cidade com faláfeis comprados em carrinhos de rua, ou fatias de pizza que custavam um dólar, mas eram do tamanho da nossa cabeça, e sonhando alto com o futuro.

Graças ao sucesso de *Só uma vez na vida*, minha existência começou a parecer com aquele futuro imaginado.

Mas, aqui, não conseguimos nem pedir que um *pad thai* seja entregue na nossa porta. Vamos ter que andar mais de três quilômetros para chegar ao centro da cidade.

Quando tento sacudir Libby para acordá-la, ela literalmente me xinga dormindo.

— Estou com fome, Lib. — Sacudo o ombro dela, que cai para o lado, o rosto enfiado no travesseiro.

— Traz alguma coisa pra mim — resmunga ela.

— Você não quer ver o seu *vilarejinho favorito*? — digo, tentando seduzi-la com a ideia. — Não quer ver a farmácia antiga onde o Velho Whittaker quase teve uma overdose?

Ela levanta o dedo do meio para mim, sem levantar os olhos.

— Tudo bem — digo. — Eu trago alguma coisa pra você.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo rápido, calço os tênis e desço de novo pela colina ensolarada, na direção da estrada de terra ladeada por árvores desorganizadas.

Quando a estrada estreita finalmente se bifurca para uma rua de verdade, dobro à esquerda e desço pelo caminho sinuoso.

Assim como aconteceu com o chalé, a cidade logo surge à vista.

Em um instante, estou em uma estrada em mau estado na encosta de uma montanha, e, no instante seguinte, Sunshine Falls se abre à minha frente como o cenário de um velho faroeste, as montanhas cobertas de árvores se erguendo ao fundo e o céu azul interminável acima.

É um pouco mais acinzentada e decadente do que parece nas fotos, mas pelo menos vejo a igreja de pedra de *Só uma vez na vida*, o toldo listrado em branco e verde acima do armazém geral e os guarda-sóis amarelo-limão perto da máquina de refrigerantes.

Há poucas pessoas na rua, passeando com cachorros. Um senhor está sentado em um banco de ferro verde, lendo um jornal. Uma mulher rega as flores nas jardineiras do lado de fora de uma loja de ferragem — olho pela vitrine e não vejo nenhum cliente lá dentro.

Mais adiante, há um prédio antigo de pedra branca, na esquina, que combina perfeitamente com a descrição da antiga biblioteca da sra. Wilder em *Só uma vez na vida*, meu cenário favorito do livro, porque me faz lembrar das manhãs de sábado chuvosas, quando a mamãe deixava Libby e eu diante da estante de livros infantis na Freeman's antes de atravessar a cidade correndo para participar de algum teste de elenco.

Quando ela voltava, nos levava para tomar sorvete, ou para comer nozes-pecã caramelizadas no Washington Square Park. Nós subíamos e descíamos as trilhas do parque, lendo as placas nos bancos e inventando histórias sobre quem os teria doado.

Vocês conseguem se imaginar vivendo em algum outro lugar?, costumava dizer a mamãe.

Eu não conseguia.

Uma vez, na faculdade, um grupo de amigos meus de outros lugares tinha sido unânime em concordar que “jamais conseguiriam criar filhos em Nova York”, e eu fiquei chocada. Não é só que eu tenha amado ser criada na cidade — é que, toda vez que vejo turmas de escola arrastando os pés pelo Metropolitan Museum; ou um bando de garotos ligando as caixas de som no metrô para fazer apresentações de break e ganhar uns trocados; ou ainda

crianças e adolescentes parados, maravilhados, na frente de um violinista de renome mundial tocando debaixo do Rockefeller Center, penso: *Que incrível ser parte disso, e poder compartilhar este lugar com todas essas pessoas.*

Também adoro levar Bea e Tala para explorar a cidade, e descobrir o que fascina uma menina de quatro anos e meio e outra que acabou de fazer três, e por quais lugares marcantes da cidade as duas passam direto, aceitando aquilo como uma parte normal da vida delas.

A mamãe foi para Nova York esperando encontrar o cenário de um filme da Nora Ephron (minha xará), mas a verdadeira Nova York é muito melhor. Porque todo tipo de pessoa está lá, coexistindo, compartilhando o espaço e a vida.

De qualquer forma, meu amor por Nova York não me impede de ficar encantada com Sunshine Falls.

Na verdade, me sinto empolgada à medida que me aproximo da biblioteca. Quando espio pelas janelas escuras, porém, a empolgação desaparece. A fachada de pedra branca do prédio é exatamente como Dusty descreveu, mas lá dentro não há nada além de TVs piscando e placas de cerveja em neon.

Não que eu esperasse que a sra. Wilder, a viúva, fosse uma pessoa de verdade, mas Dusty criou uma imagem tão vívida da biblioteca que tive certeza de que era um lugar real.

Minha animação azeda, e, quando penso em Libby, ela talha inteiramente. Isto *não* é o que ela está esperando, e já estou tentando descobrir como administrar suas expectativas, ou pelo menos como arrumar um prêmio de consolação para ela.

Passo por algumas lojas vazias até chegar ao toldo do armazém geral. Um olhar pela vitrine me diz que não há prateleiras com pão fresco, ou barris com balas antiquadas esperando lá dentro.

Os painéis de vidro das janelas estão encardidos de poeira, e, além deles, o que eu vejo só pode ser descrito como *porcarias aleatórias*. Prateleiras e prateleiras de porcarias. Computadores velhos, aspiradores de pó, circuladores de ar, bonecas com o cabelo emaranhado. É uma casa de penhores. E em péssimo estado.

Antes que eu possa fazer contato visual com o homem de óculos encurvado sobre o balcão, sigo adiante, até chegar ao pátio coberto por guarda-sóis

amarelos no outro extremo da rua.

Pelo menos ali há sinais de vida, com as pessoas entrando e saindo, e um casal sentado em uma das mesas, tomando café e conversando. Isso é uma promessa. Mais ou menos.

Olho para os dois lados para ver se vem algum carro (não vem nenhum), antes de atravessar a rua correndo. Na placa com letras douradas acima das portas está escrito INSTANTÂNEO, e há pessoas esperando lá dentro, diante de um balcão.

Coloco as mãos ao redor dos olhos, tentando ver através do vidro da porta, bem no momento que um homem do outro lado começa a abri-la.

Loucos por livros

Site oficial da autora:

<https://www.emilyhenrybooks.com/>

Instagram da autora:

<https://www.instagram.com/emilyhenrywrites/>

Página da autora no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/13905555.Emily_Henry

Página do livro no Goodreads:

https://www.goodreads.com/book/show/65618593-loucos-por-livros?from_search=true&from_srp=true&qid=RbT6PIkOhi&rank=1